

A PERSONALIDADE DE SAN MARTIN.

DEDICATÓRIA.

À memória daquele que, de sua vida, “elevou um monumento mais duradouro que o bronze; mais excelso que os edifícios reais das pirâmides que a chuva devoradora não possa demolir, nem o aquilão impotente na infinita série dos anos”.

“Exegi monumentum aere perennius
Regalique situ pyramidum altius
Quod non imber edax, non aquilo impotens
Possit diruere aut innumerabilis
Annorum series et fuga temporum”.

(Horácio, Odes, livro III, XXX).

*

INTRODUÇÃO.

Achamo-nos ante um personagem dos mais simpáticos e mais poderosamente influentes nos destinos da América espanhola. Figura imponente de personalidade completa. Há nêles facetas variadíssimas e muito ricas que seria desejável pôr em relêvo. Entretanto, à míngua de obras especializadas, forçoso é resignar a maiores elaborações e, conseqüentemente, a visões originais daquele que Horácio Urteaga chamou, com justiça “o gênio do Sul” (1).

San Martín representa o desabrochar pleno de uma raça na pujança de sua fôrça expansiva. O ponto alto da política e estratégia hispano-americanas no século passado, pela rara elevação de seu espírito que a natureza criou multiforme, a educação aprimorou e fêz grande e a história tornou perene. San Martín marcou o momento culminante e decisivo da luta pela liberdade das Américas. Polarizador das atenções, cativante

(1). — URTEAGA (Horacio) e VALEGA (J. M.) — *L Guerra de la Emancipación y Organización Constitucional en el Perú hasta 1827*, in “*Historia de América*” (dirigida por R. Levene), t. VI, pág. 104.

de bondade inafetada, arrebatava a confiança dos povos que libertou...

A “política”, arte sórdida em mãos desleais, filha de emulação descontrolada, tentou macular-lhe o nome. A imparcialidade, porém, da História repô-lo no plinto a que fazia jus. Porque, acima da sua genialidade militar serena, aquilina, pronta, matemática, acima da luminosa originalidade da sua mente, vislumbradora dos novos caminhos jurídico-políticos do mundo, pairava o equilíbrio de uma vida moral irrepreensível, conquistada e inflexivelmente organizada na prossecução de um ideal sublime: libertar... E é aqui que se admira o seu desprendimento e pureza, a dedicação aos outros, o esquecimento das injustiças, a aversão às intrigas, a confiança sensata nos homens e no juízo da História. Tipo invulgar! Preferiu o ostracismo em que viveu ignorado e esquecido à tirania odiosa... Respeitando as consciências e aborrecendo a desordem, retirou-se da América, imatura para compreendê-lo... Viram-no os pósteros e vemô-lo nós transfigurado nos revérberos da glória justamente merecida...

A História diz: êle pode ter errado — “*errare humanum...*” — mas o seu verdadeiro êrro foi ter sido grande demais... Um visionário? Não o cremos. Foi, sem dúvida o mais realista — mostrá-lo-emos — dos que fizeram a revolução americana. Viu os problemas e atinou com a solução certa, dentro das circunstâncias históricas, conciliando o presente inevitável e o porvir antevisto. Mas, alma de arminho, não se quis manchar esmagando os homens à obediência. Não se julgou necessário. E sua glória não estava consumada? Fizera o que prefixara fazer. E pronto.

Um homem assim merece a reverência que, hoje, lhe tributa a História. A nós — empenhados em estudá-lo, perfunctória mas objetivamente — não cabe senão entrar nessa esteira de reconhecimento à sua obra e à sua extraordinária personalidade.

*

* *

I

VIDA DE SAN MARTIN.

Em Yapeyú — hoje San Martin — Província de Corrientes, nasceu a 25 de fevereiro de 1778 José de San Martin, filho de um distinto oficial espanhol. As primeiras letras aprende-as em

Buenos Aires. Entretanto, aos nove anos é levado à Espanha a fim de educar-se no “Colegio de los Nobles” de Madrí.

Onze anos tinha apenas, quando ingressou na carreira militar. Senta praça como cadete no regimento de Múrcia e, por mais de vinte anos, há de servir ao exército espanhol. Cresceu prodigiosamente, pois já em 1793 — contava quinze anos — era subtenente e, de então por diante, não houve arrefecer-lhe o entusiasmo e bravura. Distinguiu-se na campanha da África, mormente em Orán, acompanhou o general Ricardos na campanha do Rossilhão, assistindo também à de Portugal e às principais ações bélicas pela independência espanhola. Contra os franceses bateu-se em Arjonilla à frente dos guerrilheiros, em 1808, vencendo-os, e tomou parte entre os heróicos oficiais de Castaños na batalha de Bailén, em que já era capitão.

Inteirando-se dos sucessos de maio, na Argentina, em 1810, renunciou, dois anos depois, ao pôsto de coronel e tornou à pátria. Confirmou-se-lhe o título de tenente-coronel, e a medalha de ouro de Bailén, que seu destemor merecera.

*

Ao chegar a Buenos Aires, oferece-se ao govêrno para colaborar na causa revolucionária. Intuiu-se, para logo, o seu precioso contributo. Fica encarregado de reorganizar o exército e, graças às suas ricas experiências, começa pela criação do esquadrão de “granadeiros a cavalo”, sendo-lhe o primeiro instrutor e coronel...

Data de 7 de outubro de 1812, sua primeira intervenção no movimento rebelde, quando, à frente dos granadeiros, interpretando o autêntico sentir do povo, exigiu do govêrno a substituição do Triunvirato arbitrário, no que foi atendido...

Seu nome tornou-se popular, especialmente depois da brilhante ação em São Lourenço do Paraná. O regimento de granadeiros estava encarregado de seguir por terra as embarcações espanholas e batê-las no momento do desembarque. A 3 de fevereiro de 1813, os espanhóis aportam em San Lorenzo, distante 25 kms. ao norte da atual cidade de Rosário, sobre o rio Paraná. San Martín dá-lhes combate, dispersando-os. Estivera porém, a ponto de perder a vida: caíra do cavalo e, não fôsse a interferência do soldado Juan Bautista Cabral, que sacrificou a vida no lance, um espanhol ter-lhe-ia atravessado o corpo à baioneta.

*

Ao cabo deste ano, as tropas revolucionárias são terrivelmente batidas em Ayohuma (14 de novembro de 1813) e Nilcapujo. Pela terceira vez perdiam o Alto Perú e tornavam a Tucuman. Foi aí que San Martin tomou posse do comando, em substituição ao general Belgrano. Era preciso reorganizar o exército vencido e o homem indicado era êle. De início, a imposição de uma disciplina rígida e a instituição de um curso de aperfeiçoamento para os officias em que êle mesmo dava as lições. Suas medidas rigorosas, encontraram reação no coronel Dorrego. Sem pestanejar, San Martin manda-lhe ordem de abandonar, em duas horas, o seu pôsto e a província Fêz valer sua autoridade em favor de Belgrano, procurando evitar se levasse avante um processo jurídico levantado contra êle em Buenos Aires.

Desde sua estada em Tucuman, embora sem empenhar suas tropas, que precisavam refazer-se, conseguiu afastar os espanhóis para além dos limites ocupados depois da derrota de Belgrano, em Ayohuma. Valera-se, tão só, de pressão sôbre êles com movimentos imprevistos e bem concatenados, a tal ponto de colocá-los sempre na desvantagem e constrangê-los a retirar-se para evitar a batalha. Não obstante, penetrara o motivo das derrocadas dos exércitos liberais: não podiam de forma alguma dominar o Per úpor aquêle roteiro. De feito, era ali que se concentrava a resistência espanhola! Resultado: o plano devia mudar-se e mudar-se radicalmente. Só resolveria o problema uma ofensiva continental.

Fôra promovido a general, mas, pretextando grave doença apresentou renúncia à chefatura militar e, organizando uma resistência sorrateira, abandonou o Perú. Sucedeu-lhe o general José Rondeau.

Para a realização do plano que haveria de cobrí-lo de imortal glória, San Martin consegue a nomeação para o Govêrno da Intendência de Cuyo, jurisdição que compreendia as províncias de Mendoza, San Juan e San Luis, Residia em Mendoza. Formulara grandioso projeto de aniquilar os espanhóis pela libertação do Chile e ataque direto ao baluarte do Perú. Dá-se que o brigadeiro Carlos A. Alvear, eleito Diretor Supremo do Estado, ambiciona a glória de iniciar êle a campanha do Perú, fazendo de tudo para o fracasso do plano samartiniano, chegando mesmo a substituí-lo na Intendência de Cuyo, pelo coronel Gregório Inácio Perdiel. Ora, o cabildo de Mendoza opõe-se, e por tal forma, que San Martin é repostado no govêrno. Conser-

vou o cargo até 1816, dando enorme incremento industrial e comercial à cidade.

*

Por êsse tempo, verifica-se no Chile o tremendo desastre de Rancágua. Os patriotas, derrotados, refugiam-se em Mendoza. San Martin já prepara os seus exércitos, destinados momentâneamente à proteção das províncias argentinas contra uma possível investida espanhola através da cordilheira dos Andes... Os chilenos, em razão disso, foram bem acolhidos. Sucedeu entretanto, que os partidários de Bernardo O'Higgins continuaram suas desavenças com os de Carrera — pretendendo José Luís Carrera manter as prerogativas de cargos exercidos no Chile, enquanto que O'Higgins se pusera, incondicionalmente, com todos os seus a colaborar com San Martin em todos os projetos, numa amizade que durará tôda a vida. Espírito rigoroso e ordenado, expulso de Mendoza aos irmãos José Luís e José Miguel Carrera.

Quando em Sipe-Sipe, o general José Rondeau é esmagadoramente derrotado pelo vice-rei Joaquim de la Pezuela, a 24 de outubro de 1815, o govêrno convence-se de que o único meio capaz de salvar a revolução era mesmo o do governador de Cuyo: atacar o Chile e o Perú. E, eleito pelo Congresso argentino de Tucuman, à suprema chefia das Províncias Unidas do Prata um partidário seu, dom Juan Martin Pueyrredón, San Martin consegue ter dom êle uma entrevista, em Córdoba, entrevista esta que se tornou histórica: o govêrno central apoiá-lo-ia com todos os recursos.

*

Nove de julho de 1816: proclama-se a independência das Províncias Unidas do Prata, malgrado todos os contrastes até então sofridos, a partir de 1814. Reafirma-se, então, com segura esperança de êxito pleno, a decisão da liberdade...

Pueyrredón passou a enviar a San Martin fôrças, apetrechos de guerra, vestuários e dinheiro, para o exército. Em Mendoza havia grande empêño. San Martin paciente, calculador, organizador, metódico, rigoroso, entusiasmado e cheio de fé no bom resultado da emprêsa, transfundiu a tôdas as suas províncias o mesmo ardor patriótico. Fizeram-se sacrifícios abnegados e heróicos. Cite-se, por exemplo, a doação de suas jóias para o erário de Cuyo, em difícil momento, feita ao cabildo pelas da-

mas de Mendoza encabeçadas pela própria espôsa de San Martin, Maria de los Remedios Escalada de San Martin... O acampamento estava em Plumerillo, perto da cidade, e era academia militar e campo de treinamento geral do exército. Alí fabricavam-se tôdas as espécies de material bélico. Criou-se um laboratório de salitre, uma fábrica de panos para o vestuário das tropas e uma outra para fundição de canhões e cartuchos, dirigida pelo monge Luís Beltrán. Enquanto isso, atuavam do outro lado da Cordilheira, os agentes secretos do grande Caudilho do Sul.

*

Seu grande problema, agora, era a travessia da enorme muralha dos Andes, que atingia alí, em caminhos transversais e intransitáveis no inverno, devido à neve, mais de 3.000 metros de altura... O "Exército dos Andes" contava com quatro mil homens e mil e duzentos milicianos de tropas auxiliares, condutoras de víveres e munições. Para a memorável passagem, dividiu-o San Martin em dois corpos principais — um a cargo de O'Higgins, na reserva e do general Miguel Estanislau Soler, na vanguarda, devendo seguir pelo passo de Los Patos, e outro, às ordens do general Las Heras, a marchar pelo caminho de Uspallata, conduzindo tôda a artilharia, de impossível transporte pelo passo de Los Patos. Seguiam ainda três divisões auxiliares que cruzariam pelo N. e S. e atuariam como alas do exército, tendo por objetivo tomar as cidades de Coquimbo, La Serena e Talca. As tropas deviam aparecer no Chile quase ao mesmo tempo entre 6-8 de fevereiro de 1817. De fato, após 18 dias da partida, apesar de perder, na difícil travessia, a metade da bagagem e quase todos os cavalos, no dia designado, o exército reuniu-se a Ocidente da Cordilheira.

A precisão e originalidade do plano samartiniano desorientou de todo em todo ao governador espanhol Francisco Casemiro Marcó del Pont: o inimigo invadia e ameaçava por vários pontos simultaneamente; dividiram-se as tropas... E, para deter o avanço argentino-chileno, ordenou-se ao general Rafael Maroto disputasse-lhe o passo nos contrafortes de Chacabucó. Foi a imortalização de San Martin. O encontro, a 12 de fevereiro de 1817, foi fatal para os espanhóis: vencidos e dispersos, não se puderam reorganizar-se. O general Maroto conseguiu embarcar em Valparaíso, mas Marcó del Pont foi capturado dentro de poucos dias. Quarenta e oito horas depois os

vencedores entravam em Santiago. Um cabildo aberto oferece a San Martin o govêrno. Êle, porém, atendendo à sua consciência e a ordens superiores, recusou: não queria, nem devia metter-se em questões internas chilenas. Em vista disso, é eleito O'Higgins e proclamado Diretor Supremo.

*

As penosas emprêsas andinas alquebraram a saúde do grande libertador sulino. Apesar disso, tencionava prosseguir na campanha cujo têrmo era chegar a Lima, a fim de destruir o núcleo do poderio espanhol ali encerrado. Vai a Buenos Aires tratar com Pueyrredón da obtenção dos meios necessários à tão ambicionada e inadiável expedição. Era indispensável uma esquadra que dominasse o Pacífico. A instabilidade política e a decadência financeira argentinas impedem-lhe a pronta realização. Retorna a Mendoza, onde permanece alguns meses. A instâncias do govêrno chileno e principais patriotas para que se encarregasse da expedição ao Perú, instala-se em Coquenes, junto de Rancagua. Mil e quinhentos homens às ordens do coronel Alvarado avançaram de Mendoza por Portillo para engrossar as legiões argentinas; improvisaram-se recursos. Com o aumento do núcleo primitivo pelo exército nacional chileno, organizado por O'Higgins, constituiu-se oficialmente o "Exército Unido dos Andes e do Chile".

São interessantes os officios, que San Martin dirigiu ao vice-rei Pezuela, dois mêses após a vitória de Chacabuco, mostrando a humanidade que empregou com todos os vencidos que, se vencedores, estavam preparados a praticar contra êle legais barbaridades, e propondo a cessação da guerra e a convocação do povo peruano para decidir sôbre o próprio destino ...

*

A catástrofe de Cancha Rayada — a 19 de março de 1818 — ameaçou profundamente a independência chilena. Acreditou-se que San Martin e O'Higgins tinham morrido ou estavam prisioneiros. A confusão, que notícias deformadas espalharam, foi tremenda. Felizmente, o gênio de San Martin, em poucos dias refêz o exército e, dezessete dias depois, defrontava-se com o general Mariano Osório na planície de Maipú. Os dois exércitos — cada um com cinco mil homens, aproximadamente — entraram em fragoroso combate às doze horas de 5 de abril de 1818. Seis horas depois estavam os espanhóis com-

pletamente batidos e assegurada a libertação do Chile. Apesar de ferido num braço, O'Higgins acorrera ao combate. Aos espanhóis restou o Perú; mas, os fugitivos de Maipú marcharam para o Sul, buscando bases de operações em Talcahuano, Chillán e Valdivia, comunicando-se pelo mar com o Perú e esperando recursos para continuar a luta. Em breve, porém, devanecer-se-lhe-ão tôdas as esperanças, quando a esquadra chilena dominar o Pacífico, e serão aos poucos, desalojados...

*

Oito dias passados sôbre a vitória de Maipú, San Martin vai a Buenos Aires — sendo grandemente aclamado — onde ameaça desistir da campanha. Pueyrredón obtém-lhe meio milhão de pêsos para a esquadra. No Chile, O'Higgins põem em pé de guerra as embarcações, confiadas ao bravo norte-americano O'Brien que obriga aos espanhóis levantarem o bloqueio do pôrto de Valparaíso. A esquadra chilena aumentou com os navios adquiridos nos Estados Unidos e Inglaterra e colocados sob o comando de Manuel Blanco Encalado, audaz e desinteressado: cedeu o pôsto ao famoso Lord Tomás Cochrane, tido por êmulo do grande Nelson. De janeiro a setembro de 1819, o grande almirante inglês realizou feitos notabilíssimos, cujo efeito foi varer de todo a esquadra espanhola do Pacífico e encerrá-la na baía de Callao, bloqueada por Blanco Encalado.

Entrementes, firmava-se em fevereiro de 1819, um pacto de aliança chileno-argentino, em que se comprometiam os respectivos governos a expulsarem de vez os espanhóis do Perú, por uma expedição combinada, custeada pelas duas nações. O objetivo exclusivo do exército: libertar e proteger a livre vontade dos peruanos em escolher um govêrno próprio.

*

Ainda no fim dêste ano, a anarquia política das Províncias Unidas e o anúncio da iminente chegada de uma expedição espanhola, visando reconquistar o Rio da Prata, decidiram ao nôvo Diretor, Rondeau a ordenar a concentração de tôdas as fôrças do país em Buenos Aires. Sucede, porém, a guerra civil e San Martin, para salvar seu exército, tão penosamente angariado, protela o cumprimento da ordem... Assim poderá realizar a investida sôbre o Perú... Antes de partir, dirige um manifesto aos concidadãos do Rio da Prata, com data de 22 de julho de 1820, lamentando a situação do seu país, combatendo, por

inadequado, o sistema federativo e explicando sua desobediência às disposições de Rondeau.

*

A vinte de agosto de 1820 parte de Valparaíso o “Exército Libertador do Perú”... Compunha-se de 4450 homens sendo 2213 argentinos, 1805 chilenos, alguns peruanos e ingleses de Cochrane. O Chile concorria com a esquadra: oito navios de guerra, tripulados por 1600 soldados e marinheiros e 16 navios-transportes, carregando provisões para quatro meses. No momento da partida, an Martin é investido com o grau de “Capitán General de los Ejércitos de Chile”... (2).

E no dia 7 de setembro chega a baía de Paracas, três léguas ao Sul de Pisco. Sob o comando de Las Heras, chefe do seu Estado Maior, San Martin ordena o desembarque de uma divisão com o objetivo de dirigir-se a Pisco, onde aporta êle com o resto do exército. Dirigiu aos soldados calorosas palavras, exortando-os a “que o valor consumasse a obra da constância” (3). E que se recordassem de que não estavam ali para “fazer conquistas, senão para libertar povos” (4).

A fama que os precedeu no Perú, sua tática arrasadora, as façanhas dos guerrilheiros que êle organizara sob chefes audazes e com mira patriótica e as deserções dos defensores do vice-reinado, o ambiente adverso, enfim, moveram o vice-rei Pezuela a tentar a deposição transaccional das armas rebeldes. Daí as conversações de Miraflores — 24 de setembro de 1820 — em que mais não se conseguiu do que um armistício de oito dias. Esses serviram a San Martin para pulsar o espirito do Sul peruano e modificar consequentemente os seus planos de ação.

Percebe, de fato, que o Sul do Perú não é propício à emancipação. O latifundiarismo é-lhe adverso por sentir-se prejudicado com a incorporação dos escravos ao exército. Passa-se para o Norte de Lima e deixa com o general argentino Alvarez de Arenales um corpo de exército cuja missão seria acercar-se dos realistas do interior e sublevar as povoações na sua passagem. Huaura — a quarenta léguas de Lima — é o ponto estratégico escolhido por San Martin, donde enviará auxílios a Trujillo

(2). — HERAS (Carlos). — *Independencia y Organización Constitucional de Chile*, in “*História de América*” (sob a direção de R. Levene), t. V, Buenos Aires. 1940, pág. 394.

(3). — LEVENE (Ricardo). — *La Argentina hasta la Constitución de 1853*, in “*História de América*”, t. V. Buenos Aires. 1940, pág. 124.

(4). — *Ibidem*.

para proclamar a independência do Norte, o que consegue sucessiva mas rapidamente.

Nesse ínterim a divisão Arenales penetra ousadamente nos departamentos da Serra e recolhe as adesões alvoroçadas das cidades, povoações e aldeias por onde passa... Em fins de novembro, sai de Lima a divisão do brigadeiro O'Relly a quem Arenales, infatigável e audaz, após tremenda luta em Pasco — estamos a seis de dezembro de 1820 — envolve e derrota fragorosamente. O'Relly não resiste à humilhação e suicida-se enquanto parte das suas tropas passam para as vencedoras, triunfalmente recebidas em tôdas as povoações... Com êsse e outros felizes, quebrou-se o mito da invencibilidade do vice-reinado e recontros felizes, quebrou-se o mito da invencibilidade do vice-reinado e o seu exército entrou em crise.

*

De Huaura, San Martin dita o Regulamento Provisório, primeira carta política do Perú, dando, entre outras, liberdade a todos os que nascessem no Perú ou nêle pisassem e revogando tôdas as disposições espanholas em contrário. Daí envia cartas para seus agentes de Lima, determinando-lhes como agir. Aí recebe adesões e voluntários de tôdas as categorias, mas não pode agir mais eficazmente senão pelos agentes secretos, porque os seus bons soldados estão neutralizados pelo impudismo, contraído nas ardentes areias peruanas: houve dias em que se contavam cêrca de três mil entre convalescentes e enfêrmos (5). Também San Martin decaiu consideravelmente de saúde.

Agravando-se a crise no exército monarquista, um motim político de militares depõe a Pezuela, reputando-o inativo, e substituem-no por La Serna. Vem a desordem em todo o exército, a dispersão das fôrças. San Martin aproveita-se do terror inimigo, ajuntando dispersos e desertores, silenciando a própria fraqueza combativa... E, quando Alveau, enviado real da Metrópole, encoraja o prudente afã de La Serna em dar resolução pacífica ao grave problema, San Martin entrevista-se com o vice-rei na fazenda de Punchauca, vale de Lima (18 de maio de 1821), dado ter fracassado a tentativa conciliadora por meio dos procuradores de ambos em abril... Rechaçadas as propostas por ambas as partes, pois San Martin exigia, como

(5). — Enciclopédia Universal. Espasa, t. LIII, pág. 1162.

primeira condição, a independência do Perú, e o vice-rei pretendia se esperasse a solução dada por Madri, a luta continua...

*

La Serna, temendo um ataque combinado dos dois corpos do exército patriota e sentindo a hostilidade tremenda dos guerrilheiros que submeteram a Capital à fome, retira-se de Lima, a 6 de julho de 1821, para o interior e deixa-lhe o govêrno com o marquês de Montemira. Com sensatas decisões, San Martin consegue manter o vice-rei no interior, sem contato com o mar, e, em Lima, conquistar a confiança de Montemira contra as falsas notícias que La Serna difundira pela Capital, provocando o seu abandono em grande escala. Uma delegação de cidadãos limenhos convida San Martin a entrar na cidade. Ele acede, mas só no dia 12 e às escondidas é que penetra na cidade. Arenales aproximava-se do exército de Canterac, nas imediações de Guanacayo, e dispunha-se a dar-lhe batalha, quando recebeu cartas de San Martin com a comunicação da ocupação de Lima e a recomendação de que não comprotesse a sua divisão, se fôsse atacado se retirasse para Lima por San Mateus.

Desde o dia 14 discutia-se com Montemira e o Cabildo a data da solene proclamação da Independência. Determinou-se, por fim, o dia 28. Então, com tôda a solenidade, após um majestoso cortejo do Palácio dos Vice-Reis para a Plaza Mayor, San Martin, num tablado e empunhando a bandeira que êle próprio idealizara em Pisco, declara a independência do povo peruano; enquanto os canhões atroam, o povo repete vibrante: "Viva a Pátria! Viva a Liberdade! Viva a Independência!" (6).

*

San Martin é proclamado protetor supremo do Perú, recebendo a 3 de agosto de 1821 a banda bicolor e entrando no exercício do poder. No Protetorado foi menos feliz. Durou apenas treze meses e foi altamente liberal: proclamou a liberdade de imprensa, fomentou a instrução, corrigiu o sistema penal, aboliu os tributos que sobrecarregavam os índios, decretou a libertação dos escravos nascituros, fundou a Biblioteca Nacional, instituiu a ordem esquestre "Do Sol", etc. Entretanto, não era bem visto, quer pela forma de govêrno, única realmente

(6). — LEVENE, *op. cit.*, págs 124-125.

eficaz no momento, mas sem dúvida, ditatorial, quer pelo descontentamento que seu “Estatuto Provisional” produziu entre os latifundiários e escravagistas, sem falar na balbúrdia criada pelos possuidores de certa riqueza contra a instituição do papel-moeda... São muitos os problemas, resumindo-se no principal deles que era o problema militar: era preciso assegurar a independência do Perú... San Martín sabe-se combatido e, compreendendo ser irrealizável seu plano, coerente com a unidade do seu espírito, prefere eliminar-se.

*

Por esse tempo Simon Bolívar realizava sua grande investida libertadora ao Noroeste da América do Sul: Venezuela e Colômbia, aproximando-se da linha a que chegara o grande sulino. Sucre, seu general, encontra-se, frente ao exército realista, com escassos elementos, no Sul da Colômbia, hoje Equador, e, por diversas vezes pedira reforços a Bolívar e auxílio a San Martín a fim de realizar a campanha contra Quito. Recebeu daquele alguns soldados, com ordens de invadir por Cuenca e, destarte, dividir as forças realistas de Quito. Uma divisão, organizada por Arenales, sobre a fronteira de Quito, recebeu ordem de San Martín para partir em auxílio de Guayaquil. Era um golpe de mestre, pois indubitavelmente os peruanos iriam precisar do concurso dos colombianos... Arenales declinou o comando da expedição, alegando achar-se doente. Sucre pensando que fôra por não querer sujeitar-se à sua obediência, oferece-lhe pôr-se às suas ordens com a sua divisão, pois

“Le sería siempre lisongero servir bajo tan acreditado general” (7).

Arenales persiste na negativa, e é substituído pelo general Santa Cruz. Com 1.500 homens a divisão peruano-argentina portou-se brilhantemente em Riobamba e Pichincha, em 24 de março de 1822. San Martín compreendendo a importância de uma combinação de operações militares no Perú, para vencer em definitivo a resistência de La Serna, confiou o poder supremo ao marquês de Torre Tragle e foi avistar-se com Bolívar em Guayaquil. Esta histórica entrevista compreendeu três conferências: uma na manhã de 26 de julho (uma hora e meia apenas), outra à tarde daquele dia (durou meia hora) e a ter-

(7). — Espasa, t. LIII, pág. 1163.

ceira de uma às cinco da tarde do dia 27. San Martin encarecera a ativa cooperação colombiana, sugerindo atacassem ambos: um descendo dos Andes colombianos e o outro, indo da costa para o interior. Bolívar contestou que o oferecimento que podia fazer não chegava a 1.500 homens e que não ficariam sob as ordens de San Martin senão com instruções especiais. San Martin ofereceu pôr-se com seu exército às ordens do libertador no Norte, mas Bolívar não aceitou:

“radiante de glória e na plenitude do seu poder, aspirava terminar êle a guerra” (8).

San Martin compreendeu e, não desejando perturbar a obra da libertação americana, resolveu demitir-se. É de notar que aí também se tratou da questão política da organização e forma de govêrno dos novos Estados.

*

Na reunião do Congresso Constitucional do Perú — 20 de setembro de 1822 — apresentou sua renúncia ao cargo do Protetorado. Dizia: —

“Um encadenamiento prodigioso de sucesos ha hecho y indubitable la suerte futura de la América. Mi gloria está colmada”.

A negativa do Congresso reafirmou ser irrevogável sua renúncia. O Congresso acede e decreta seja-lhe conferido o título de “Fundador de la Libertad del Perú”, com uso da banda nacional, o grau de Generalíssimo das armas, uma pensão vitalícia, a colocação de um busto na Biblioteca Nacional, uma estátua, honras perpétuas de Protetor Supremo e o sôlido que desfrutara como chefe da Nação.

Deixando sob as ordens de Bolívar uma boa parte do seu exército e muitos dos seus queridos oficiais, tropas que tiveram parte brilhante em Junin e Ayacucho, retirou-se, no dia 21, para o Sul, como simples civil! Ficou em Mendoza e logo depois foi para Buenos Aires. De aí partiu para a Europa em 1824, com o objetivo de dar à filha, Mercedes San Martin de Balcarce, uma educação esmerada e procurar a tranquilidade da vida privada. Levou o estandarte que Pizarro conduziu para a conquista do Perú e que, no seu testamento, ao Perú consagra-rá... Continuou ajudando, por vários meios, à causa revolucionária americana.

(8). — LEVENE, op. cit., pág. 127.

Em 1828 regressou à Pátria, mas nem chegou a desembarcar em Buenos Aires, para não tomar parte nas contendas políticas de então. Tornou à França, fixando-se, após a educação da filha, em Boulogne-Sur-Mer. Foi aí que o colheu a morte, a 17 de agosto de 1850. Contava 72 anos.

Pedira no testamento que não lhe fizessem funerais, mas que fôsse seu coração depositado em Buenos Aires. Em 1880, com o presidente Avellaneda, foram seus restos mortais trasladados para um grande mausoléu na catedral de Buenos Aires. Vários monumentos foram levantados à sua memória, salientando-se um, erguido pelos chilenos, em 1863, no local da vitória de Maipú, e outro erguido em Boulogne-Sur-Mer, em 1909.

*

* *

II

PERSONALIDADE DE SAN MARTIN

Demos, em esquemática visão, o **curriculum vitae** do insigne caudilho argentino. Cheia de peripécias, dispendeu 33 anos sob as armas, a partir dos onze anos — sua existência atravessou infindo oceano de triunfos portentosos e dolorosas incompreensões. Todos os autores concordam em que morreu pobre e injustamente olvidado, inclusive por aquêles que mais lhe deviam reconhecimento e gratidão. Mas não importa, o que êle foi, o foi de veras. Sabia disso, como sabia-se intemerato, e deixou sua causa ao veredicto da História: —

“Los hijos de estos (meus compatriotas, disse êle no seu último manifesto aos peruanos) darán el verdadero fallo” (9).

Por outro lado, não resta dúvida que sua ação e seus sucessos arrebataram o entusiasmo de muitos. Cremos, por conseguinte, oportuno investigar o mais profundo de sua obra, que foi êle próprio, a raiz explicativa da sua imposição continental, contemplar de perto a face de sua personalidade e medir-lhe a verdadeira excelsitude.

Dos autores compulsados na elaboração dêste trabalho, recolhemos informações, às vêzes claras e definidas, às vêzes em

(9). — Enciclopédia Espasa, t. LIII, p. 1162.

fugidias apreciações com que debuxamos a personalidade de San Martín. E por “personalidade” queremos significar, em sentido psicológico, o pleno desenvolvimento dos valores ou aptidões pessoais e, em sentido mais sociológico, a posse dos valores em intensidade tal que torna o individuo superior... Leva-o a impor-se sôbre os demais.

Fugindo aos rigores de uma análise decididamente psicológica, consideraremos em San Martín a sua índole ou disposições habituais de agir (não importa se por temperamento ou por conquista pessoal, isto é, por caráter), sua formação ideológica e seu gênio ou faceta característica inconfundível.

Devemos encontrar, na visão da personalidade samartiniana, a razão das suas realizações — **operari sequitur esse** — ao mesmo tempo em que nos seus feitos descobrimos o perno de sua centralização e irradiação e o esclarecemos — **ex fructibus eorum cognoscetis eos** (10).

*

Relativamente pouco é o que podemos saber a respeito das disposições habituais de ação de San Martín. E assim mesmo, por passagens muito esparsas nos autores consultados. Acresce o problemático que é discernir onde entra e onde não a vontade modificadora, em parte, do temperamento. Mas, para um olhar rápido sôbre êle, como nos propomos, basta um esquema trabalhado sôbre os depoimentos, colhidos aqui e ali, nas fontes de que dispusemos. Sobretudo interessa-nos porque parece descrever o nosso personagem tal qual o concebemos ao examinar sua vida, alguns dados de grafologia... Sem pretender dar a essa ciência maior valor do que ela realmente merece, e lhê atribuem os entendidos, cremos, no nosso caso, que serve para esclarecer certos pontos.

*

Do final de uma carta, fotocopiada e estampada em Carlos Heras (11) deduzimos — seguindo a Pierre Foix (12) — que, por sua caligrafia clara, harmoniosa e uniforme, San Martín era dotado de inteligência aberta e, em consequência, de um espírito claro, reto e privilegiado. Lógico e preciso seu modo

(10). — Mat., 7, 16.

(11). — HERAS, op. cit., pág. 384.

(12). — FOIX (Pierre). — *L'influsso del Carattere sulla Scrittura*, trad. da 3a. ed. francesa por R. Silvano. Edizione Paoline, Roma, 1956. págs. 108-110.

de julgar as coisas. Compreensivo e de expressão sem ambigüidade. Era uma inteligência superior. Uma vontade constante. Nêle dominava a regularidade, a ponderação, a calma, sem nervosismos e precipitações. Sempre senhor de si. Daí que não era um entusiasta, um impulsivo, um colérico. Era tudo nêle regular, sem impulsos, ou movimentos repentinos. Reflexivo e calmo. Se confiava plenamente nos amigos, fazia-o com perfeito conhecimento de causa. Prudente e moderado nos seus movimentos.

“Forte, tenaz, obstinado, sequaz de uma linha de conduta irrevogável, honesta e escrupulosa” (13).

Assim o imaginamos.

*

De fato, foi tudo isso. D. Jaime Vicens Vives (14), diz dêle que foi um homem dotado de espírito de empreendimento, abrasado de amor à pátria, enérgico e decidido, sem ambição para impor-se a ponto de preferir

“renunciar a um porvir que forçosamente seria brilhante antes que constituir um obstáculo à emancipação americana”.

E Carlos Heras (15) explica a expulsão dos irmãos Carrera de Mendoza pelo espírito rigoroso e ordenado de San Martín. Aliás, sua energia e resolução já se mostrara antes contra o rebelde coronel Dorrego, obrigando-o a renunciar ao pôsto e a afastar-se da província dentro de duas horas...

Era hábil e comunicativo. Tanto que logo se impôs em Mendoza,

“despertando o espírito bélico da população, formando nela a consciência do sacrifício pela causa da liberdade. Espírito disciplinado, laborioso, de grande vontade para a ação, profundamente convicto do êxito da empresa, aplai-nou todos os obstáculos. O povo de Cuyo, abnegadamente o ajudou” (16).

*

Basílio Hall, um inglês a serviço da força expedicionária do Perú, narra em sua “Memória” (17) que San Martín mostrou-se,

(13). — *Ibidem*, pág. 110.

(14). — VIVES (Jaime Vicens). — *Mil figuras de la História*, pág. 170.

(15). — HERAS, *op. cit.*, pág. 379.

(16). — *Ibidem*, pág. 380.

(17). — *Apud URTEAGA, op. cit.*, págs. 110-112.

à sua chegada a Lima (12 de junho de 1821), discreto, de palavras bondosas e apropriadas, generoso, ultrapassando até o que esperava cada pessoa que a êle se dirigia, sem a menor afecção nos modos e expressões, sem nada que demonstrasse referir-se a si mesmo, sem um sorriso de satisfação, mas sem ser em nada desagradável, ao contrário, suficientemente animado, embora sua satisfação parecesse provir tão somente do prazer reflexo dos demais e no dia seguinte, dia 13, em que tomou posse do palácio do govêrno, desdobrou-se em tôda a sua genialidade para acalmar e serenar as mais variadas tendências dos seus visitantes que buscavam amparo ou temiam represálias realistas, ou propugnavam planos arrojados...

*

Fato que confirma seu desapêgo é o testamento. Escreveu-o com extraordinário laconismo em uma fôlha de papel. Nêle expressa o seu estado civil, nomeia sua herdeira universal à filha... que fizera, disse, "mi vejez feliz"... e lega ao Perú o estandarte de Pizarro e a Rosas sua espada, porque defendeu a honra da república contra os estrangeiros... Nem falemos do desapêgo ao seu nome, propondo colocar-se às ordens de Bolívar para a completa libertação americana. E é bom lembrar a sua consagração lenta e paciente, a sua grande capacidade de organização quando se tratou de preparar o exército dos Andes. Ainda: após a vitória de Maipú, tornando a Buenos Aires é recebido e aclamado pelo povo, decantado pelos poetas e agraciado pelo govêrno com a graduação de Brigadeiro a que, modestamente recusou, dizendo não ter ido para receber homenagens, mas para insistir na realização de um ideal; e conseguido o que propunha, ausentou-se às escondidas como tinha entrado (18).

*

Dêsse primeiro olhar prescrutador do seu íntimo, concluímos pela bondade de sua índole, a melhor que se possa desejar: inteligência aberta, superior, e vontade férrea e decidida. De aí para as culminâncias da perfeição humana era um passo.

*

De fato, pôsto desde cedo em contato com a ciência, aprimorou sua inteligência e plasmou sua vontade segundo uma li-

(18). — LEVENE, op. cit., pág. 121.

nha uniforme e rígida de proceder que levou R. Levene a ver, no seu heroísmo, a abnegação de um filósofo estóico (19).

Qual, realmente, sua ideologia filosófica e política? Nítidamente liberal. Foi membro da Loja maçônica Lautaró, na Espanha. E tudo indica que o seu desprendimento patriótico estava ligado à sua mentalidade liberal... Mas era um homem de profunda fé religiosa. Assim, de retôrno do Chile, após a vitória de Maipú, entregou ao guardião franciscano no templo de São Francisco da cidade de Mendoza, seu bastão de comando em homenagem a Nossa Senhora do Carmo. Na nota em que faz constar esta entrega (com data de 12 de agosto de 1818), diz êle que pela decidida proteção que Nossa Senhora do Carmo prestou ao exército dos Andes a erigia em Patrona e Generala e, como reconhecimento, ajuntava o bastão, distintivo do comando supremo do exército (20). Mais tarde, quando proclamava a independência do Perú, declarou em solene e bom som:

“El Peru es desde este momento libre e independiente por la voluntad de los pueblos y de la justicia de su causa, que Dios defiende”.

Provas inequívocas da sua fé teísta.

*

Entretanto, isso não tira em nada a sua mentalidade política profundamente liberal. Resta-nos insolúvel saber se perfilhou verdadeiramente a filosofia liberal, o liberalismo, embora tendamos a ver no qualificativo de “liberal” que lhe apõem os autores uma mera tendência liberacionista, ou melhor ainda, libertadora... Seu objetivo político era só e exclusivamente “libertar” e não imiscuir-se nos negócios internos dos povos libertos. Em vista disso, renuncia ao cargo de Diretor Supremo do Chile em favor de Bernardo O’Higgins, logo após o triunfo de Chacabuco (12 de fevereiro de 1817). Aliás, o artigo primeiro das **Instrucciones Reservadas que deberá observar el Capitán General**... na Campanha do Chile, retrata, em todo o govêrno revolucionário, a nobreza dos ideais da luta: consolidar a independência da América... e a glória a que aspiram as Províncias Unidas do Sul seriam os únicos móveis da Campanha, idéia que o General devia difundir por todos os modos possíveis e de que o exército devia estar possuído, procurando-

(19). — *Ibidem*, pág. 132.

(20). — *Ibidem*, págs. 120-121.

se evitar se difundisse qualquer coisa que indicasse saque, opressão ou conquista, ou posse do país auxiliado (21). Algum tempo depois, falando ao exército, por ocasião do desembarque no Perú, dirá (22):

“Lembraí-vos que estais aqui “não para fazer conquistas mas para libertar povos”. E logo: “Los peruanos son nuestros hermanos: abrazallos y respetad sus derechos como respetasteis los de los chilenos después de Chacabuco” (22).

*

Entrou em Lima como libertador e não como conquistador. O povo pôs-se sob sua autoridade e o cabildo o recebeu. Primeiro ato: convocação de uma junta de cidadãos reconhecidamente probos, patriotas e esclarecidos que expressassem, na qualidade de representantes do povo, qual a opinião geral se pró ou contra a independência; a resposta foi positiva (23). Por sinal o tratado de aliança chileno-argentino, assinado em fevereiro de 1819, e resultado dos esforços de San Martín, para pôr fim à dominação espanhola no Perú, tem por objetivo: exclusivamente libertar e proteger a livre vontade dos habitantes em escolher um governo próprio (24). No Perú, San Martín foi apenas coerente.

*

Quando em fevereiro de 1820, devido os triunfos dos caudilhos do litoral argentino, desapareceu o Congresso e o Diretório, as Províncias Unidas do Prata ficaram sem autoridade central, as tropas argentinas, ainda no Chile, achavam-se numa situação bem anômala: deviam obediência a um chefe que não dependia de governo algum (25). Então, San Martín, reúne em Rancagua os oficiais superiores e resigna o cargo. Êles, porém, resolvem continuar reconhecendo-o como general em chefe, porque diziam, na ata, firmada a 2 de abril de 1820,

“su origen que es la salud del pueblo es inmutable”
(26).

(21). — *Ibidem*, págs. 115-116.

(22). — *Ibidem*, pág. 124.

(23). — *Ibidem*, pág. 124.

(24). — HERAS, *op. cit.*, págs. 392-393.

(25). — *Ibidem*, págs. 393-394.

(26). — *Ibidem*, pág. 394.

E êle fica. Pode ver-se nêsse seu gesto esperteza, mas é claro que também honestidade.

*

Quanto à forma de govêrno que propugnava ou propugnaria, é problema discutível. Muitos querem ver nêle uma tendência monarquista, opondo-o a Bolívar, que procurava organizar um regime republicano unitário (27). Fala-se da sua proposta a La Serna (28) a 18 de maio de 1821, consistindo na proclamação da independência do Perú e no reconhecimento por parte do vice-rei de uma monarquia independente com um príncipe europeu, proposta rejeitada por La Serna, e que Raul Margottini (29) diz ser

“assai tiepida... ispirata dalla speranza che il prestigio ancora grande della monarchia presso i creoli potesse sedare le sfibranti rivalità fra gli uomini politici, le quali egli prevedeva avrebbero ritardato lungamente il consolidamento costituzionale dei rispettivi paesi”.

É possível, mas de modo algum provável. Porque, se é verdade que se conhece com certeza o pensamento político de S. Bolívar, o mesmo não se dá com San Martin. R. Levene (30) afirma dêste que:

“sua opinião sôbre a forma de govêrno a adotar-se é matéria acêrca da qual não se fêz ainda investigação definitiva”

e êle nunca fêz questão dela,

“pois preocupava-o resolver a emancipação que era prévia e difícil”.

Ao contrário, sabemos de Bolívar, por vários depoimentos seus — mormente pelo célebre discurso de Angostura, em que diz:

“la libertad indefinida, la democracia absoluta son dos escollos donde han ido a estrellarse todas las esperanzas republicanas... por lo mismo, ninguna forma de gobierno es tan debile como la democratica, su estrutura debe ser de la mayor solidez y sus istituciones consultarse en la realidad”...

(27). — VIVES, op. cit., II, pág. 164.

(28). — URTEAGA, op. cit., pág. 106.

(29). — MARGOTTINI (Raul). — Verbete San Martin, in “Enciclopedia Italiana, vol. XXX. pág. 130.

(30). — LEVENE, op. cit., pág. 128.

A ainda:

“me he sentido con la audacia de inventar un poder moral, sacado del fondo de la oscura antigüedad y de aquellas olvidadas leyes que mantuvieran algún tiempo la virtud entre los griegos y los romanos”...

sabemos, que ambicionava um govêrno vitalício ou, como conclui Horácio Urteaga (31) para êle

“o govêrno melhor era uma aleação do poder forte da monarchia com a formalidade do voto, i. é, a monarchia no mundo, a democracia na aparência”.

A êste respeito, ficamos com a opinião de Levene. Tanto mais que conhecemos, pelas cartas de San Martin, em outubro de 1820, ao Cabildo de Buenos Aires e ao governador de Córdoba, ter êle ambicionado bem outra coisa que não monarchias. Se diz ao Cabildo que sua única pretensão é ver livres e felizes as Províncias Unidas, ao Governador da Córdoba pede que reúna um nôvo Congresso e

“erija-se a autoridade central (!) com as atribuições e condições que se quiserem e restabeçam-se no esplendor e confiança primitivas os povos irmãos do Rio da Prata” (32).

E acrescenta:

“Yo me he despedido para siempre de esas Provincias amadas protestandoles desde Valparaíso que jamás admitiré un empleo en ellas, y ahora ratifico la misma protesta con el juramento más solemne. Así es que muy distante de un interés particular mio, si las concito ahora a recobrar su esplendor empañado en el choque de las pasiones es porque tienen un derecho esclarecido a mi gratitud eterna” (33).

Portanto, se é verdade que Bolívar temia um rival, isso seria mais do ponto de vista da glória militar do que da forma política de govêrno. Poi San Martin, homem íntegro e coerente, que ambicionava dar liberdade aos povos e deixar-lhes à livre vontade a escolha do próprio govêrno —

“hacer la independencia y dejar a sus voluntades la elección de sus gobiernos” (34) —

(31). — URTEAGA, *op. cit.*, pág. 145.

(32). — LEVENE, *op. cit.*, págs. 127-128.

(33). — *Ibidem*, págs. 128 e 119-120.

(34). — *Ibidem*, pág. 128.

não exteriorizou opiniões monárquicas, no momento culminante do seu poder, em Guayaquil,

“nem sequer falou de govêrno unitário, senão da autoridade central indispensável para o desenvolvimento do plano emancipador da América”, é a conclusão de Levene (35).

Para San Martin, falando ao resignar no Perú,

“la presencia de un militar afortunado es temible a los Estados que de nuevo se constituyen” (36).

E prova da sua sinceridade e desambição política é que, já na Europa,

“continuou cooperando ativamente para a causa americana, apoiando inclusive os emissários que Bolivar mandava em missões diplomáticas ou em busca de auxílios” (37).

Em conclusão: o pensamento político samartiniano pode cifrar-se nisso: dar aos povos americanos a independência e liberdade para escolherem um govêrno central que melhor lhes parecesse... Que tenha especificado ou propugnado alguma forma particular, não o sabemos com certeza.

*

O gênio de San Martin! Grande como o tenha sido pelos pendores naturais, ninguém, por certo, lembrar-se-ia hoje de San Martin se não fôsse as grandes façanhas bélicas e a sua decisiva intervenção na causa revolucionária hispano-americana. É que parece ter êle nascido com a marca inconfundível do gênio militar, não menos do que com a versatilidade de um agudo espírito político. Apraz-nos contemplar nêle essas duas facetas. O militar, sem dúvida, sobrepujou, e de longe, o político, mesmo porque a retilínea conduta moral e a indomável vontade não lhe facultavam os meneios e ademanos poucos louváveis que implica o govêrno dos povos... “Quebrar mas não dobrar” traduziria bem seu modo de proceder...

*

A carreira militar, iniciada aos doze anos, veio-lhe de encontro a um temperamento não impulsivo, mas apaixonado,

(35). — *Ibidem*, pág. 128.

(36). — *Ibidem*, pág. 128.

(37). — MARGOTTINI, *op. cit.*, XXX, pág. 731.

calculador e destemido. Por tal forma que, ajudando-o as circunstâncias, não tardou em galgar os mais altos postos. Quando tornou à pátria, aos trinta e quatro anos, tenente-coronel,

“era possuidor de uma experiência verdadeiramente completa e moderníssima da arte da guerra” (38).

Na América, a revolução torná-lo-á insuperável, dando-lhe ocasião ao desdobramento do gênio e aptidões naturais.

*

Desde as primeiras atividades com os “granadeiros a cavalo” patenteou-se a sua superioridade. Mas, foi sobretudo após a investidura no cargo de substituto do general Belgrano, em Tucumán, que atingiu o ápice... Intuiu a impossibilidade de avançar pelo Norte em direção a Lima, núcleo do poder realista espanhol. E decidiu disciplinar as tropas e organizar a luta de recursos, convertendo os habitantes da região em guerrilheiros irrequietos, dispostos em grupos que defenderam invencíveis as fronteiras. O valente caudilho Martín Güemes unificou essa luta contínua de guerrilhas e não deixou de combater um único dia até sucumbir em 1820. Agora San Martín pensava no ataque ao Chile, e numa segunda etapa, na investida contra o Perú.

*

Aos 35 anos renuncia ao generalato para dedicar-se na Intendência de Cuyo à formação de um poderoso exército. Interessava-lhe fôsse “poderoso” não pelo número de combatentes senão pela disciplina. E conseguiu. Ao mesmo tempo, astuciosamente, criou do outro lado da Cordilheira um vasto sistema de espionagem e propaganda, graças ao qual esteve inteirado de tôdas as intenções espanholas e manteve de pé o espírito de insurreição das povoações (39). Assim, em todo o Chile tinha correspondentes secretos que, favorecidos pelas circunstâncias, convertiam-se em chefes de ataques ligeiros que mantiveram em contínuo alarma as autoridades espanholas. No Chile, mormente no centro, salientou-se nesta tarefa de fomentar rebelião e preparar o ânimo dos povoados para receberem o exército conquistador, o jovem advogado Manuel Rodríguez, intrépido, astucioso e batalhador.

(38). — *Ibidem*, XXX, pág. 730.

(39). — HERAS, *op. cit.*, pág. 381.

Vem depois a histórica travessia dos Andes. Preocupou-o demasiado a ponto de não deixá-lo dormir. Temia mais a natureza que o inimigo. Mas, também aí correram juntos seu gênio e a natureza, porque se de um lado perdeu muita e muita coisa do que precisaria nas primeiras operações em um país hostil, por outro lado a divisão justa, acertada e necessária que fêz de suas tropas em vários corpos, desconcertou as tropas espanholas, dividindo-as para cobrir as várias frentes de ataque... Seu plano foi cumprido com precisão matemática: após 18 dias de marcha o exército reuniu-se no Chile... Fere-se a batalha de Chacabuco, gloriosa para os revolucionários e de uma transcendência inimaginável para a causa americana. Treze meses depois, sucedeu o fragoroso desastre de Cancha Rayada, que, a nosso ver, não trouxe nenhum desdouro para o herói argentino, antes propiciou-lhe maior glória. Pode-se dizer que em Cancha Rayada não houve batalha. Houve uma catástrofe. Senão vejamos.

O general Mariano Osório partiu de Callao a 6 de dezembro de 1817 para tentar a restauração espanhola e, desembarcando em Talcahuano, consertou rapidamente o ataque ao exército chileno-argentino. O'Higgins abandona o quartel-general de Talca e dirige-se ao Norte onde se lhe ajunta San Martin assumindo o comando. Pelo caminho que conduzia à capital marchou Osório na mesma direção. Depois de hábeis manobras em busca de um campo favorável para dar combate, San Martin acampou, no dia 19 de março de 1818, no lugar chamado Cancha Rayada, perto de Talca que estava ocupada pelo inimigo. Como a situação dos espanhóis era desvantajosa, um conselho de guerra decidiu desfechar um ataque de improviso sobre os revolucionários, durante a noite. Foram bem sucedidos. Porque, surpreendido, quando vários corpos trocavam de posição, o exército chileno-argentino não teve oportunidade de organizar a defesa. A confusão e a desordem desmantelaram as tropas, quase sem combater. Apenas o general Las Heras salvou a sua divisão, afastando-se do lugar da surpresa (40). Desfigurada, a notícia causou o maior desassossêgo em Santiago: o exército aniquilado, os espanhóis marchando sobre a Capital, O'Higgins e San Martin mortos ou prisioneiros... Enquanto muitos emigravam, aterrados, Manuel Rodríguez, feito ditador, exorta o povo à defesa e organiza o batalhão que chamou "Húsares de la Muerte". Mas, o pânico só terminou com a chegada de San Martin e de O'Higgins que fôra derido num

(40). — HERAS *op cit.*, págs. 386-388.

braço. Então fulgura o gênio bélico samartiniano. Tomando por base a divisão salva de Las Heras, refaz em poucos dias o exército. Um conselho de guerra, formado pelos principais chefes militares e cidadãos (41), decide defender a todo o custo a Capital, de que dependia a sorte não só do Chile como também de toda a América espanhola. O exército, consciente desta enorme responsabilidade, sentiu-se patrioticamente estimulado. Enérgico, ativo e otimista, San Martín pôs sob as armas todos os homens capazes de lutar.

Em Maipú — ao Sul de Santiago — feriu-se, a 5 de abril de 1818, uma das mais tremendas batalhas americanas. Mesmo O'Higgins convalescente esteve no campo de batalha. Durou seis horas e San Martín, à frente dos seus, dirigiu pessoalmente todas as fases da renhida luta, fazendo uso, quase sempre, das marchas e fogos oblíquos. É interessante notar que Bolívar, tendo conhecimento desta vitória, pensou em realizar um plano semelhante (42).

*

Assegurada a realização da primeira parte do seu plano, San Martín, ainda que adoentado, quer prosseguir na campanha. Começou tratando da construção de uma esquadra, o que muito lhe custou. Durante o ano de 1819, Cochrane realiza um cruzeiro pela costa Norte peruana, desembarcando repetidas vezes e distribuindo manifestos de San Martín e O'Higgins, anunciando a próxima chegada do exército libertador. O Pácfico, no fim do ano, é dominado pela esquadra revolucionária.

Nêste meio tempo, ante a anarquia política e financeira das Províncias Unidas, e o anúncio da chegada de uma expedição espanhola sobre Buenos Aires, o Diretor Rondeau ordena que todas as forças argentinas se concentrem na Capital para defendê-la. O exército de Belgrano dispunha-se a cumprir a ordem, mas, em Arequito, sublevou-se. Nesta emergência, San Martín vacilou frente a dois deveres: pôr seu exército na guerra civil para sustentar o govêrno e aniquilá-lo ou desobedecer para prosseguir na campanha libertadora. Pensou, pensou, de longando a obediência, e concluiu que, se a independência de sua pátria ainda não estava assegurada e era poderosa a resistência espanhola no Perú, convinha desobedecer. Levene chama a isso, "genial desobediência" (43). Consciencioso e astu-

(41). — LEVENE, op. cit., págs. 118-119.

(42). — *Ibidem*, pág. 119.

(43). — *Ibidem*, pág. 122.

to, resignou, em abril de 1820, mas os seus oficiais decidiram continuar sob sua autoridade. Mais tarde — a 22 de julho de 1820 — num manifesto aos habitantes das Províncias do Rio da Prata, justificará sua conduta em não combater ativamente os federalistas: teria apenas aumentado as desgraças (44).

* *

Os manifestos de San Martin são recebidos pelas populações costeiras peruanas com alvoroço e entusiasmo. Sobretudo os jovens, vibrantes, criando muitos conflitos aos realistas, como também muitos indivíduos exilados pela avançada ideologia e as populações vizinhas... Destarte, quando no Perú, San Martin organizou os bandoleiros em grupos de guerrilheiros sob chefes audazes com missões secretas e elevada finalidade patriótica. E isto fizera, compreendendo, de início, que a própria estrutura social, mormente no Sul, era-lhe adversa. Daí sua ida para o Norte deixando a cargo do general Arenales o combate aos realistas e a sublevação progressiva do Sul. Soube, como poucos, aproveitar-se da eficiência guerreira dos patriotas peruanos e, o que é mais impressionante, despertou no espírito desconfiado do indígena o velho estímulo guerreiro que desconcertará os realistas... E ao Quartel-general de Huaura acodem jovens, escravos, fugitivos e até oficiais desertores das fileiras espanholas, todos seduzidos pelo novo ideal, enquanto San Martin desdobra-se em enviar cartas aos seus agentes de Lima, determinando-lhes com justa precisão sua ação e influência. E êle aproveita tudo... Também a mulher peruana entrou nos seus planos, pois disse a 10 de julho de 1821:

“Sem a intervenção ativa da mulher peruana a causa da independência nacional ter-se-ia prolongado por alguns anos” (45).

Atravessavam-se dias difíceis: com o exército, os bons soldados dizimados pelo impaludismo, chegando a ter, em certos dias, 3.000 soldados entre convalescentes e enfermos, “tendo diariamente baixas nos hospitais de 12 homens para cima”, escreveu êle a O’Higgins. Até êle estava doente.

O excelente trabalho dos guerrilheiros força La Serna a retirar-se par o interior — no dia 6 de julho de 1821. O marquês de Motemira fica no govêrno de Lima. Como medida táctica pôs San Martin um corpo de 600 praças sob o general Miller

(44). — *Ibidem*.

(45). — URTEAGA, *op. cit.*, pág. 141.

marchando de Huaura para o Sul, desorientando o vice-rei pelo fato de induzi-lo a crer que Ica, dos lugares de mais intenso monarquismo, estava do lado dos patriotas. Conseguiu com isso impedir a concentração de tropas anti-patrióticas perto da costa, dominada pela esquadra revolucionária, e assim, sem base de conexão marítima, ficaram os espanhóis movendo-se só no interior. Sucede que o guerrilheiro Aldo, em Azapampa, ataca os espanhóis com seu índios munidos de primitivíssimas armas, e é tremendamente derrotado. Daí por diante San Martin resolve adatar à campanha às condições especiais do país, evitando as grandes concentrações, atacando com os guerrilheiros isoladamente ou em pequenos grupos e em diversos pontos ao mesmo tempo e organiza a “Campanha de Intermedios” que devia levar alento às povoações ainda submetidas e reduzir a área de ocupação espanhola.

*

Pormenor significativo do seu gênio tático. Ao retirar-se de Lima, La Serna propalara que, ao entrar na cidade, San Martin, hereje e traidor que atentava contra Deus e o Rei, e chefe de hordas bárbaras, atearia fogo em tudo, saquearia e destruiria a propriedade, a ordem e a vida. San Martin apercebeu-se da jogada política e, sabedor da ingenuidade crioula que fizera deserta a cidade, resolveu o problema de modo originalíssimo. Dispôs as tropas em sítio à cidade e, ficando à bordo na esquadra fundeada em Callao, manda um officio a Montemira, que êle sabe inclinado a favorecer aos patriotas, pondo sob suas ordens as tropas sitiadoras e garantindo só entrar na cidade se os seus habitantes o pedissem. Montemira titubeia, mas, por fim, decide enviar uma ordem escrita ao comandante do regimento de cavalaria, que acampava a uma milha da cidade, mandando-lhe levantar o acampamento. Ao voltar, o enviado anuncia que as tropas tinham cumprido as ordens do Governador. Os liminhos tranquilizam-se e

“tôda a sociedade pôs-se em boas relações com San Martin” (46).

Cessaram as emigrações para Callao, reabriram-se os armazéns, os conventos, os refúgios e a vida voltou à normalidade. E só quando uma forte brigada policial e piquete de tropa seleta, sob o comando de officialidade garantida, asseguraram a ordem, é que San Martin, já tranquilo, permitiu o ingresso lento e ordenado das hostes libertadoras na capital... Isto no dia 9 de

(46). — HALL (Basilio), Memória. Apud URTEAGA, op. cit., págs .108-109.

julho. Mas, êle, convidado solenemente nêste dia, por uma delegação de limenhos, a ocupar a cidade, só o faz no dia 12 à noite, indo a cavalo e com um único ajudante de campo por escolta; apenas parou para descansar numa quinta a cinco quilômetros de Lima, apresentam-se dois frades homenageando-o e comparando-o com César e Lúcio... À chegada de outros para o saudarem, resolveu ir para Lima ainda àquela noite, não para o palácio de Pizarro, à sua disposição, mas preferindo a casa particular de Montemira. Aí aglomerou-se o povo sequioso de conhecê-lo e aclamá-lo. Tanto fôra o prestígio que, em tão pouco tempo conquistara (47).

*

Deve-se a San Martin o ter percebido com fina e profunda intuição na variedade de circunstâncias adversas, a variedade de soluções possíveis para o caso peruano, e, o que é mais, ter sabido aproveitá-las. Estimulou, desde muito antes de sua investida ao Perú, o ânimo dos peruanos; aproveitou a cooperação clandestina do crioulo — a única adaptada às contingências do momento e do ambiente; serviu-se da colaboração do indígena, impreparado para as lutas de campo e temperamentalmente avesso a elas; apoiou-se, sobretudo na vontade decidida do Norte do Perú,

“substrato guerreiro eficaz, necessário, único propício no momento e que San Martin, como bom general, soube aproveitar”, diz bem Horácio Urteaga (48).

Tudo isso é tanto mais admirável, quando pensamos que as forças patriotas pouco ultrapassavam os cinco mil homens — 4.500, em parte novos, improvisados, sem armamento uniforme e com muitos enfermos, a que podemos acrescentar os 600 homens dos navios, susceptíveis de serem aproveitados. Ora, os realistas só entre Lima e Callao, tinham quase 8.000 homens e, em todo o Perú, 23.000, aguerridos, veteranos nas armas, bem equipados, pagos à diária e com promessa de botim. Entretanto...

*

Para o general Alvarado (49)

“nunca San Martin mostrou mais gênio que então”,

(47). — URTEAGA, op. cit., págs. 108-112.

(48). — *Ibidem*, pág. 110.

(49). — *Ibidem*, pág. 120.

isto é, quando a malária prostrou seu exército, no Perú;

“ora inundando Lima e seus arredores de guerrilheiros; ora ocultando aos inimigos nossa positiva debilidade; ora empreendendo campanhas sôbre a serra com espectros em lugar de homens; ora expedicionando sôbre a costa; ora, enfim, com a negociação e a intriga, que deram tempo para superar aquela espantosa situação. Jamais, em situação alguma, o encontrei tão grande”.

Mas, apesar disso o seu grande mérito, a sua verdadeira genialidade foi a concepção da guerra continental que moveu ao Perú espanhol. Não fôsse o surgir da sua mente lúcida, quantas e quantas vidas, quantas e quantas campanhas teriam sido desperdiçadas numa faina insana e, talvez, inútil de lutar contra um inimigo poderoso no ponto onde era menos vulnerável! Tudo o mais foi consequência dessa idéia, irrealizável para uma vontade menos decidida e um amor menos sacrificado que o seu.

San Martin foi, na expressão de Margottini (50),

“un efficacissimo ordinatore di vita civile”.

Foi, de verdade, um político grande, pela concepção da ordem, pela organização civil que pensava implantar; mas, nem a educação, nem o ambiente, nem o momento histórico lhe possibilitaram tornar-se maleável às pressões descontentes e concretizar seus planos... O que fêz nos governos que ocupou induz a supor que era capaz de arcar com as responsabilidades e agir com eficácia.

*

No govêrno de Mendoza — fins de 1813 até 1816 — mostrou-se atívisimo e foi graças ao impulso que estava dando à cidade que o Cabildo exigiu, contra Alvear, a sua permanência. Aí favoreceu à edificação do Colégio da Santíssima Trindade, introduziu a vacina, transformou a antiga alameda num formoso passeio público, fomentou a indústria, especialmente com as fábricas de beneficiamento de salitre, fábrica de armas e de tecidos, construiu canais, melhorou as estradas de rodagem, organizou a defesa da cidade, guarnecendo devidamente os seus fortes, estabeleceu um parque de adestramento militar para recrutas e oficiais...

*

(50). — MARGOTTINI, op. cit., XXX, pág. 730.

No Perú, a coisa era outra: além do contínuo perigo do ataque dos realistas de La Serna que se retirara para o interior, a controvérsia divisionista entre os mesmos patriotas... Apesar disso, desenvolveu, no Protetorado, um importante trabalho jurídico, político e financeiro. Não se pode esquecer a criação da Biblioteca Nacional de Lima — 28 de setembro de 1821 — com uma contribuição de aproximadamente mil e quinhentos livros, o que evidencia a sua preocupação pela formação cultural... (Aliás, em Santiago do Chile, quando é aclamado Governador e a municipalidade lhe oferece avultada soma em dinheiro, êle a recebe para entregar com destino a uma biblioteca para o povo...). É bom lembrar, com Urteaga, que é no seu "Estatuto Provisional" que se fala, pela primeira vez, da obrigação educacional do Estado! (51).

Há, depois, o seu govêrno sob a forma de protetorado, cujo decreto, de 3 de agosto de 1821, segundo Urteaga (52) é

"a prova mais séria da visão política de San Martín... forma originalíssima, ditatorial no fundo, mas que reunia em suas mãos todos os corpos de força necessários para destruir o regime vencido".

De fato, ante o

"fracasso continental dos organismos coletivos políticos nas horas de luta",

ante os transtornos ocorridos nas Províncias do Prata (1810-1816) pelas diferentes tendências de centristas contra autonomistas, ante os perigos suscitados nos congressos do Chile, Venezuela, Províncias Unidas, etc. obstando, ciosos dos seus direitos, o comando único, salvador da crise guerreira, e, além do mais,

"querendo que o próprio Perú decida sobre sua forma política",

dá como solução o protetorado, em caráter transitório, visto como

"abre polémica periódica para pulsar a opinião pública, resolvido a pôr sua espada do lado a que se incline a maioria" (53).

(51). — URTEAGA, op. cit., pág. 104.

(52). — *Ibidem*, pág. 115.

(53). — *Ibidem*.

Até aí chega sua mentalidade desinteressada e decididamente liberal... Mas é patente que sabia onde queria chegar: liberdade sem anarquia...

*

A mentalidade dominante não lhe entende o pensamento. O espírito dos patriotas pede uma democracia cerrada e intransigente, a ponto de imputar a San Martin a ilegalidade de seu protetoral... Ademais é grande o descontentamento de muitos, ante os seus decretos determinantes das novas formas estatais e jurídicas. E é de salientar-se a presença dos descontentes senhores de escravos despojados da sua mão-de-obra, embora o resgate dos escravos se fizesse por quotas anuais (54). Mas, raciocinando bem, a solução samartiniana era a única exequível para aquela hora de lutas, de incertezas e de impreparação nacional... A unificação do comando é essencial num estado de guerra, para atuar a cooperação de todos em pressionar o inimigo ainda bem encurralado no coração do país, para afirmar e consolidar a independência antes que organizar, para se formar, paulatinamente a consciência cívica após uma mudança substancial na sua vida coletiva.

*

Apesar dos pesares, o Protetorado de San Martin enfrenta os grandes problemas econômicos, administrativos e militares. Realiza extraordinária proeza financeira, pois, para cobrir o déficit nacional de 1.444.606 pesos, cria um Banco de papel moeda, graças ao qual, diz Unanue, ministro da fazenda (55),

“el Estado pudo sostener, sin angustia, sus cuantiosos gastos, y socorrer a muchas familias honradas”...

Infelizmente, foi supresso a 13 de agosto de 1822, por Torre Tragle, estando San Martin em Guayaquil, repudiado pelo espírito público inabitado a tais problemas: os poucos e modestos endinheirados, influentes no govêrno, temendo a desvalorização das suas fortunas metálicas, trabalharam sobre o meio ignaro, despertando o temor ao papel-moeda e inflingindo enorme dano ao país com dificultar, economicamente, a campanha emancipadora (56).

(54). — MARGOTTINI, *op. cit.*, XXX, pág. 731.

(55). — Apud URTEAGA, *op. cit.*, pág. 117.

(56). — *Ibidem*, pág. 118.

Do ponto de vista administrativo, há um grande progresso na legislação: declara-se a inviolabilidade do domicílio, abole-se a Carta de 1812, abroga-se o tributo, qualifica-se os indígenas de pessoas, regulamenta-se o comércio com o exterior, distingue-se os naturais dos estrangeiros, cria-se a Ordem Equestre do Sol, estabelece-se a “Junta Conservadora de la Libertad de Imprenta”, abole-se as penas aflitivas, a fôrça, etc. É verdade que a “História não cogita do futuro”. Mas, a julgar-se dêsse élan renovador, pode-se inferir que o Protetorado teria realizado uma obra completa...

No plano militar, prossegue na luta. O episódio principal é a rendição dos Castilhos de Callao a 19 de setembro de 1821, após o general Canterac, que a 10 daquele mês, estivera perto dos Castillos, crendo-se ameaçado pelos dois corpos do exército revolucionário, ter-se retirado para o interior. San Martín ter-lhe-ia dado combate, aproveitando-lhe a fraqueza e desconserto, não fôra a doença ter prostrado o seu exército em Huaura... Vai conservar suas penosas conquistas, graças às artimanhas do seu gênio militar, fecundo e célebre... Ante a consciência da impossibilidade de resolver sozinho, em definitivo, o problema da independência peruana, faltando-lhe as forças e combatendo-o os políticos e os homens influentes, decide angariar o apóio de Bolívar, que já atingira, praticamente, os limites dos territórios por êle dominados. Auxilia-o em Pichincha (24 de maio de 1822), através do general Santa Cruz e, conquistada Quito, entrevista-se com êle em Guayaquil.

*

A respeito dêste encôntro, diz Margottini,

“muito e muito diversamente se tem escrito numa polémica em que os nomes dos dois heróis são usados um em desdouro do outro. O que importa no fato histórico é que San Martín foi ter com Bolívar para, essencialmente, propor-lhe o seu plano, chamado da “invasão pelos portos internos”, plano, em cuja atuação ambos teriam podido desenvolver uma ação igualmente brilhante e decisiva, indo um da costa para o interior e o outro descendo dos Andes Colombianos; mas daí saiu tendo obtido apenas 1.400 homens, o que era absolutamente insuficiente para a necessidade. Por isso êle preferiu retirar-se” (57).

(57). — MARGOTTINI op. cit., XXX, pág. 731.

Tudo indica que Bolívar visava a suprema glória de concluir a guerra libertadora das Américas (58). E San Martín, adoentado, combatido, e de olhos voltados para a consumação da obra a que metera ombros, tendo concertado o apôio dos colombianos, renuncia ao Protetorado ante o Congresso Constitucional do Perú — a 20 de setembro de 1822.

No seu último manifesto aos peruanos apresenta magnífica prova de sua genialidade política: a previsão justa do veredicto da História à sua atitude.

“en cuanto a mi conducta”, disse, “mis compatriotas, como en lo general de las cosas, dividirán sus opiniones; pero los hijos de éstos darán el verdadero fallo” (60).

De fato, as derrotas de Alvarado (16-21 de janeiro) em Torata e Moqueguá provocaram reação militar e a “Junta de Gobierno” cai ante o pedido dos chefes militares ao Congresso para que eleja presidente constitucional ao coronel Riva Agüero. Era um dos primeiros desacordos entre os patriotas, previstos por San Martín (69). Virá depois a rivalidade entre o executivo e o legislativo, fatal para o Perú, como também previra San Martín, dando por resultado as deserções dos patriotas, um clamoroso desconcerto e a perda de enormes vantagens obtidas com ingentes sacrifícios de bens e de vidas, e o desastre militar também, em Zepita, a 22 de agosto de 1823 (61). Por isso diz Urteaga:

“hoje, sua figura cobra extraordinários fulgores ante o investigador sereno daqueles dias febris” (62).

Tal foi o San Martín político.

*

III

INFLUÊNCIA DE SAN MARTÍN

San Martín, tão inclita personalidade, teve uma influência enorme não apenas na consolidação da independência da

(58). — LEVENE, op. cit., págs. 125-128; Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XXVII, pág. 124; VIVES, op. cit., t. II, pág. 164.

(59). — Enciclopédia Espasa Calpe, t. LIII, pág. 1162.

(60). — URTEAGA, op. cit., pág. 123.

(61). — *Ibidem*, págs. 126-127.

(62). — *Ibidem*, pág. 122.

Argentina, com também, e sobretudo, na destruição do poderio espanhol no Chile e no Perú. Influência sôbre os homens pelo magnetismo da sua pessoa, influência sôbre os fatos pelo poder do seu gênio organizador.

*

Da sua influência sôbre os homens que o cercavam basta dizer o entusiasmo quase fanático dos seus soldados em Plumerillo. Sua disciplina era rígida, mas seu entusiasmo no triunfo e o fervor com que falava da causa libertadora arrastaram os soldados à compenetração da missão histórica que iam realizar.

“Fizeram uma religião da subordinação e do cumprimento do dever” (63).

E, mais tarde, êle obtém a rendição dos Castillos de Callao — 19 de setembro de 1821 — e incorpora seu chefe, o general La Mar, aos patriotas, por simples persuasão, o que demonstra seu poder espiritual.

Embora não só por isso, recebeu adesões de soldados e oficiais inimigos e desertores, em grande número. Digo “não só por isso”, porque, de fato, um dos motivos foi o bom tratamento dispensado aos presos. Já num ofício a Pezuela, de 5 de abril de 1817, diz que a sorte das armas pôs sob suas mãos todo o exército inimigo e que podia empregar contra êle tôdas as represálias que, por bárbaras ordens dos seus chefes, êle intentava contra os soldados revolucionários se os vencesse; mas que, por suprema humanidade, respeitava o direito dos vencidos, a maior parte dos chefes, cêrca de 200 oficiais e 3.000 soldados, dando-lhes hospitalidade e aliviando-lhes as desgraças... (64). Mas, não resta dúvida que foi também “por isso”.

*

Mais importante, porém, foi sua influência, duradoura, nos destinos da América. A vitória de Chacabuco teve um significado vastíssimo, quer militar — como resultado da previsão e tática inspiradoras da campanha dos Andes — quer política: libertou o Chile, que se tornou base segura de operações no Pacífico... encorajou os peruanos patriotas, obteve o concurso do Chile para o prosseguimento da campanha, encantonou os

(63). — HERAS, *op. cit.*, pág. 380.

(64). — LEVENE, *op. cit.*, pág. 120.

espanhóis no Perú, onde os iriam esmagar depois os exércitos libertadores chileno-argentino e colombiano... Teve, portanto, com a libertação chilena, uma importância transcendental na decisão da guerra agora inspirada num plano de projeção continental... Mas, Chacabuco foi apenas o princípio do declínio espanhol, porque foi preciso Maipú (5 de abril de 1818) para consolidar a independência chilena, embora os espanhóis tenham resistido no arquipélago de Chiloé — é evidente que já sem significado — até janeiro de 1826.

*

A colaboração que San Martin prestou a Bolívar, na batalha de Pichincha com 1.500 homens às ordens do general Santa Cruz, revela uma concepção clara do problema militar americano e um jôgo político bem estudado: adiantar-se o Perú em preparar o caminho para o apóio dos colombianos a êle em retribuição, apóio êste que muito cedo teria de tornar-se indispensável e urgente. E de fato, o descontrôle da política, que San Martin tentara evitar, facultará a La Serna a reconquista de Lima. E é Simon Bolívar que, aproveitando-se do posterior enfraquecimento moral das tropas do vice-rei, revoltadas e negando-lhe autoridade, vai derrotar ao general Canterac em Junin (6 de agôsto de 1824) e, a 9 de dezembro de 1824, com o general Sucre, levar à capitulação o último exército realista, em Aycucho... A paciência, o verdadeiro patriotismo, e o desinterêsse teriam antecipado êste triunfo derradeiro, que era o único objetivo do grande caudilho do Sul.

*

Pode-se comparar San Martin a Bolívar? Segundo Levene

“do ponto de vista das idéias, enquanto Bolívar encarna uma aspiração de unificação do mundo americano, San Martin é autor da distribuição dos Estados do continente dentro de suas atuais fronteiras nacionais. Ambos simbolizam expressões originais do gênio e a unidade histórica e solidariedade hispano-americanas” (65).

Mas é de ver-se como San Martin foi mais realista. Por isso, consciencioso, certo de ter feito o que devia, o que podia, convencido da realidade americana e do que era possível fazer-se de futuro, declara, por ocasião de sua renúncia ao prote-

(65). — LEVENE, op. cit., pág. 129.

torado; que se sentia “recompensado com usura” pelos dez anos de revolução e guerra em que vivera... (66)

É indubitável: a influência de San Martin para o triunfo da causa americana foi decisiva. E, se é certo que não consumou sua obra, vítima de murmurações e mesquinhas intrigas, é também certo que sem êle nem Bolívar teria passado de Quito nem concluiria a independência americana; quer porque muito aprendeu dêle, quer porque recebeu dêle o substrato de meio continente armado e decidido à liberdade e a meio caminho da vitória...

A travessia dos Andes — que terminou em Chacabuco — realizada por San Martin, tem, no pensar de Levene (67), muito menos de clássico do que a conquista da Ásia por Alexandre, do que as façanhas de Aníbal pelo Reno, Pirineus, Ródano e Alpes, do que as campanhas de Napoleão, mas tem muito mais de fecundidade, de frutos transcendentais e duradouros, e é só comparável à de Simon Bolívar pelos Andes equatoriais em 1819, culminando em Boyacá...

O otimismo samartiniando fundou-se no seu realismo de visão. Confiou na vitória final porque viu e quis o que era possível; o que era possível êle o fêz; e o que fêz determinou, embora não com exclusividade, a vitória final, não só militar, como jurídica e política, de vez que

“foi o precursor dos princípios fundamentais em que se baseia a constituição nacional da América e que têm mantido o equilíbrio entre seus Estados independentes” (68).

Influência imensamente profícua, paulatina e incessante a partir de Chacabuco...

*

* * *

IV

APRECIACÃO DA PERSONALIDADE DE SAN MARTIN

Vimos, mais ou menos analiticamente, o que poderíamos chamar de “momentos abstratos da personalidade de San Martin”. É útil agora ter uma visão de conjunto acêrca desta per-

(66). — *Ibidem*, pág. 130.

(67). — LEVENE, *op. cit.*, págs. 116-118.

(68). — *Enciclopédia Espasa-Calpe*, t. LIII, pág. 1164.

sonalidade marcante na moderna América espanhola. Esta visão sintética já é, por si, uma apreciação:

Diz Urteaga (69):

“San Martin, o homem austero, generoso e puro, foi o primeiro a captar a realidade continental... Sua visão, verdadeiramente genial, estribou-se na concepção nítida do problema liberal americano. Exibirá, depois, rasgos brilhantes, inigualáveis, de gênio autêntico, arquitetando o plano de apóio, no Perú, de sua ação desmanteladora das forças contrárias; levantando, com materiais imperfeitos, únicos existentes, o melhor possível dos edifícios combativos; escolhendo lugares, horas, homens e procedimentos adequados para realizações admiráveis; esquivando batalhas decisivas que poderiam comprometer a execução de sua obra; concebendo, como um sociólogo intuitivo, as normas precisas de política, de diplomacia e de ação, justas, inatacáveis; porém, nenhum dos seus rasgos imortais, muitas vezes injustamente olvidados, supera a concepção singular de resolver em Lima, e só em Lima, o grande problema do continente americano”.

Nisto está a fulguração última da sua personalidade. É o que lhe deu mais glória. Mas, não passa de uma “superestrutura”.

A base, a “infra-estrutura”, digamos, é a conquista de si mesmo. Se é ele “um organizador da vitória” — na frase feliz de Henry Lorin (70) — fundando sua obra militar no cálculo sereno e suprema paciência, não é menos vitorioso sobre as paixões humanas da ambição, vaidade, mando. Assim Levene (71):

“Sua decisão de não aceitar cargos diretivos no Segundo Triunvirato e no Diretório de sua pátria; sua renúncia ao cargo de Diretor supremo do Chile, sua consagração para formar o exército argentino-chileno que deveria libertar o Perú; sua entrada em Lima, onde aceita, com caráter provisório, o cargo de Protetor com o fito de terminar a guerra; sua entrevista com Bolívar, que levou a pensar-se em sua abdicação como sinal de debilidade de caráter e não de grandeza de alma; sua despedida do povo peruano que o mesmo Levene diz seu uma “formosa página na História moral da América”... acres-

(69). — URTEAGA, *op. cit.*, pág. 98.

(70). — LORIN (Henry), *apud LEVENE, op. cit.*, pág. 132.

(71). — LEVENE, *op. cit.*, pág. 130.

centando: “Poucas vêzes chegou a tal altura a grandeza de alma e a fôrça de ideais como orientação da vida”; seu longo ostracismo, em que soube suportar, com dignidade e inteireza, a miséria, a dor física e a dor moral, isto é, o esquecimento dos seus contemporâneos, — tudo revela no general San Martin uma vida conseqüente, de unidade, harmônica, com inquebrantáveis normas éticas que a orientavam... O heroísmo de San Martin encarna o espírito abnegado de um filósofo estóico. Teve uma elevada inspiração moral: foi um libertador” (72).

*

Ainda Levene (73):

“A personalidade de San Martin tem vasta significação. Posta so serviço de uma causa emancipadora, formulou a irrevogável decisão de não imiscuir-se nas questões políticas internas. Na Revolução de 8 de outubro de 1812, quando se iniciava na vida pública, interveio para depôr o govêrno num movimento que vinha preparando-se e que tinha resolvido fazer a revolução antes da sua chegada a Buenos Aires. Mais tarde, em 1815, prestou seu apôio moral e militar, da Intendência de Cuyo, à revolução federal que depôs ao ditador Alvear. Em ambos os casos sustentou uma causa justa e popular: no primeiro contra as arbitrariedades do Triunvirato e, no segundo, contra a improvisada ditadura de Alvear; e em nenhum dos dois realizou uma ambição política, pois recusou os cargos diretivos que se lhe ofereceram”. E acrescenta o que julgo ser o máximo que se possa dizer de encômio a um homem público: “Se o patriotismo consiste em fazer obra generosa e grande em favor dos demais com esquecimento de si mesmo, San Martin pode citar-se como singular exemplo de patriota”.

*

García Calderón (74) diz que, se Bolívar recorda Napoleão — impondo sua vontade expansiva, seu eu passional e intenso — San Martin recorda Washington — com sua vontade tenaz e forte, o sentido das circunstâncias e da marcha das coisas. O paralelo é excelente por aproximar duas almas gêmeas, de um parentesco espiritual muito íntimo, de uma afinidade de idéias e sentimentos inimaginável, caminhando **pari passu** na luz do

(72). — *Ibidem*, págs. 130-132.

(73). — *Ibidem*, pág. 131.

(74). — CALDERÓN (García), apud LEVENE, *op. cit.*, pág. 130.

gênio, na perspectiva profundamente realista e no supremo desinteresse pessoal...

Realmente, poucos homens foram, como San Martín, tão completos: pela riqueza polimorfa do temperamento, pela superioridade e esclarecimento de espírito, pela elevação moral, pelo ascendente espontâneo e despretençioso sobre os seus semelhantes, pelo equilíbrio das iniciativas, pelo impulso renovador impresso aos povos!

“Primeiro general da hegemonia argentina... e da chileno-argentina... precursor dos princípios fundamentais em que se baseia a constituição nacional da América e que têm mantido o equilíbrio entre seus Estados independentes” (75).

Não sei se se faz mister maior cópia de depoimentos tão lisonjeiros!

A nós também, do pouco que sabemos a seu respeito, apareceu êle grande, enorme... e compreendemos porque foi incompreendido —

“duramente julgado por seus êmulos e contemporâneos, a quem cegava a paixão política...” e porque, depois, foi possível reconstituir-lhe a verdadeira fisionomia espiritual — ...” (76) “porém sua memória é, na atualidade, justamente enaltecida”.

É que êle foi, em verdade, insigne. E a grandeza, como a beleza e a verdade, deslumbra, ofusca e cega.

*

Acima de tudo, a admiração que San Martín suscita é fruto do que êle foi de profundamente humano... Os revêrberos de seus triunfos militares concentram apenas sobre êle as mentes indagadoras. E o que se descobre é que, sob suas manifestações de rara grandeza havia um lastro ímpar de idealismo e força moral inconcussas. Vejo no que êle se tornou a sua maior obra e a razão porque, em tão breve tempo, se recompôs totalmente o juízo da História a seu respeito.

Exegit monumentum aere perenius da própria vida e, imorredouro, restará na admiração dos séculos.

SEBASTIÃO ROMANO MACHADO

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca.

(75). — Enciclopédia Espasa. Calpe, t. L. pág. 1164.

(76). — *Ibidem*.



Fig. 1. — São Cristóvão, carregando o Menino Jesus (Gravura de A. Duerer, 1471-1528).



Fig. 2. — São Martinho de Tours (Estátua de um autor desconhecido, século XV).



Fig. 3. — São Vito na caldeira (Escultura de Veit Stoss, ca. 1445-1533).



Fig. 4. — Santa Bárbara de Frei Agostinho da Piedade.